

DIA DA MULHER 2021

AM
ARQUIVO
MUNICIPAL



MULHERES NA SOMBRA:

SEGUIR O RASTO DAS MULHERES DE SINES
NA COLECÇÃO FOTOGRÁFICA NO ARQUIVO MUNICIPAL



INTRODUÇÃO

O Arquivo Municipal de Sines tem vindo a reunir e a identificar, além das imagens produzidas pelo próprio município, as fotografias e postais que os munícipes têm partilhado com a comunidade. Nessas imagens do passado, muitas a sépia e em tons de cinza, foram capturadas várias mulheres dos finais do século XIX e XX. Muitas anónimas, não foram elas o objectivo do retrato, na maior parte das imagens, estas mulheres foram capturadas por acidente. As fotografias são aqui entendidas como documento de arquivo e documento histórico, não como simples curiosidade.

Durante os finais do século XIX e primeira metade do século XX a fotografia divulgou-se e foi-se afirmando como forma privilegiada de representar a realidade. A captura e revelação da imagem fotográfica consistiam num conjunto de processos técnicos, que implicavam equipamento e conhecimentos especializados, os quais não eram acessíveis a toda a gente. As fotografias privadas eram ainda raras, e, devido à dificuldade e ao custo do processo fotográfico, reservadas a um pequeno grupo de pessoas.

Em Sines foram as vistas turísticas aquelas que foram mais capturadas e divulgadas. Os postais eram vendidos nas lojas que também vendiam outros bens, como a Havaneza Sineense, onde hoje se situa a Pastelaria Vela de Ouro.

O Arquivo Municipal procurou entre as fotografias mais antigas do seu espólio imagens de mulheres. Não é fácil encontrá-las, pois o objectivo era as vistas turísticas ou o registo de um evento que se queria histórico, como o lançamento da primeira pedra do monumento a Vasco da Gama, em 1924.

VISITAS GUIADAS

Nas décadas de 40-50 do século XX Sines procurava afirmar-se como um ponto turístico nacional e internacional. Em 1944 na revista Turismo, Sines era a terra onde tinha nascido Vasco da Gama, plena de interesse turístico. As reportagens fotográficas sublinhavam a excelência e calma da Praia Vasco da Gama e destacavam o Castelo. Deste discurso, portanto, estavam ausente qualquer actividade económica, com excepção da pesca.

Esta estratégia não era nova. Em 1808 o juiz de fora de Santiago do Cacém e Sines, em plenas invasões francesas, preferiu residir na vila de Sines, porto de mar e de entrada de tropas e armas para o Litoral Alentejano. Francisco Onofre de Faria foi acusado de abandonar Santiago do Cacém «para tomar banhos» em Sines (Silva, 1869: 253). Mas o juiz de fora estava em Sines a presidir às sessões de câmara, trocando missivas com o almirante inglês Cotton e remetendo outras para as autoridades militares e outras juntas do mesmo género (Patrício e Pereira, 2017, 2017: 171-174).

Em 1850 Francisco Luís Lopes referia-se à vida que uma vila soturna e ventosa no Inverno ganhava no Verão: «De Verão há mais animação na Vila, especialmente de Agosto a Novembro, pela concorrência de gente que vem aos banhos» (Lopes, 2016: 145). Note-se que o calendário balnear era um pouco diferente do actual, iniciava-se em Agosto, quando as Festas de Nossa Senhora das Salas marcavam o calendário da pausa nos trabalhos agrícolas, até ao efectivo início dos dias mais curtos, chuvosos e frios, em Novembro. A praia essa, ainda não era conhecida como Praia Vasco da Gama, nome popularizado no século XX. Era tão só Praia Grande.

Quem eram os banhistas? Francisco Luís Lopes responde-nos outra vez: «Uma centena de Alentejanos e Alentejanas, vem aqui anualmente apagar no mar os ardores do sertão. A maior parte por doença — poucos por dandismo» (Lopes, 2016: 145-146). Os banhistas vinham sim, não ainda para se divertir, mas por recomendação médica. As mulheres são explicitamente referidas pelo médico oitocentista para referir que as banhistas chegavam logo pela manhã, recatadas, vestindo «a trapagem mais ruim que tem». À data não havia ainda fatos de banho, e o pudor e a decência obrigavam as meninas e as senhoras ao redobrar de cuidados. Desciam até à praia por um caminho que já era calçado (Lopes, 2016: 147), interrompendo a subida do regresso em duas meias laranjas, feitas para o descanso.

É justamente esta realidade que encontramos na imagem 4. Trata-se da digitalização de um postal a preto e branco. A imagem foi capturada por Hidalgo Vilhena, um fotógrafo da vizinha Santiago do Cacém. A edição era de Higinio Guizado Espada, que vendia este e outros postais na sua Havaneza Sineense. A data é incerta, e por isso é colocada entre parênteses rectos. O ano de 1919 é a data da primeira referência aos Banhos Quentes no jornal *A Folha de Sines*.



IMAGEM N.º1. «Sines=na hora do banho (cliché de Hidalgo Vilhena) = Edição Higinio Guizado Espada »[1919]. Arquivo Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Fotografias Empréstadas por Municípes, CF0260.

O que vemos no postal? Os banhistas na Praia os toldos em que se abrigavam do sol. São visíveis as instalações dos Banhos Quentes, à direita e, ao fundo, a descida da praia e a barroca. As habitações da vila encimam a barroca, algumas em construção ou reconstrução.

Onde estão as mulheres? Algumas decerto abrigadas no toldo, e essas seriam as meninas e as senhoras da sociedade que se protegiam do sol e dos olhares masculinos. Os banhos quentes eram um estabelecimento medicinal, em que a água salgada do mar era aquecida. Quem geria o estabelecimento era uma mulher, a viúva Dona Francisca Viana. Em 1919 o estabelecimento abriu no dia 15 de Agosto¹. É possível que o estabelecimento fosse mais antigo, e que 15 de Agosto fosse a sua data de abertura habitual. O ciclone de 1941 destruiu as suas instalações, que não mais se reergueram.

Onde estão as mulheres, perguntamos? Na Praia Grande as meninas e os rapazes preocupavam-se com o traje que levavam, ir à praia era uma forma de ver e ser visto. Cláudia de Campos (1859-1916) descreveu no romance *Ele um piquenique* da sua infância na praia. Nele participavam todos os moradores da casa de Cléo, a protagonista, assim como os vizinhos e os amigos, quer os casadouros, quer aqueles que deixaram a vila para estudar. Os participantes iam a pé para a praia, seguidos dos criados com os burros, carregados de guloseimas. Nos piqueniques as meninas e os rapazes casadoiros conheciam-se melhor, observados pelas mães e as amas. Uma destas meninas poderia estar a abrigar-se do sol com uma sombrinha, como vemos na imagem.

¹ A Folha de Sines, n.º5, 1de Setembro de 1919, p. 3

A imagem seguinte é também do início do século XX. Mais uma vez a Praia Grande. Mas desta vez não temos um quadro de lazer somente, na baía vemos os vapores, grandes navios que traziam mercadorias e passageiros. São visíveis, além dos navios e dos escaleres para a descarga dos bens (canoas da picada), várias pessoas na Praia Vasco da Gama.



IMAGEM N.º2. [Os vapores na Praia Vasco da Gama], [1910]. Arquivo Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Fotografias Empréstadas por Municípes, CF0017.

Algumas dessas pessoas são mulheres, vestidas de negro, à espera talvez de quem chegava nos vapores. Outras estavam talvez a trabalhar. Na praia eram lançados os esgotos da fábrica de conservas Júdice Fialho em 1927², vendia-se sal, eram expostos peixes e mariscos³, as redes eram aí estendidas. É possível que várias dessas actividades fossem executadas por mulheres.

A praia era palco também para outras actividades consideradas tradicionais e próprias das mulheres. Existiam regatos de água que corriam para o mar, e que eram aproveitados para o abastecimento da água e a lavagem da roupa, os rios. O mais famoso e ainda hoje existente deu origem às Bicas Velhas, mas também ainda é visível a bica de Santa Luzia, onde os banhistas molhavam os olhos em busca de saúde ocular. «No rio da praya abacho da fonte», portanto depois das Bicas, as mulheres juntavam-se para lavar a roupa, envolvendo-se em disputas por causa da água. Assim aconteceu em 1741 com Inês da Silva e Catarina Cardeira⁴, acompanhadas de seus filhos, que acabaram em discussão por causa do acesso à água para lavar a roupa.

² Arquivo Municipal de Sines. Câmara Municipal de Sines. Licenciamento de obras particulares, requerimento de J.A. Júdice Fialho, 11 de Outubro de 1927.

³ AMSNS. CMSNS. Abaixo-assinados, maço 1, 1915-1950.

⁴ Arquivo Distrital de Setúbal. Cartório Notarial de Sines, livro 8 de Estevão Costa e Carvalho, Amaro Rodrigues Delgado e Sebastião José de Almeida, 1730-1745, fl. 135v-137, 31 de Janeiro de 1741.



IMAGEM N.º3. Sines. Rio da Moura, [1910].
Arquivo Municipal de Sines.
Colecção Mosaico das Memórias.
Colecção Tenente Seixas, MMS/G/000019.
Empréstimo de Eliseu Seixas Aguiar.

Na imagem n.º 3, dos inícios do século XX, vemos um grupo de mulheres e raparigas a recolher a roupa já seca, depois de lavada, no Rio da Moura. Esta imagem foi capturada por Hidalgo Vilhena, e pertencia ao Tenente Seixas, que escreveu o título a lápis, no verso. Todas estão vestidas com saias longas, e um lenço na cabeça. Além das raparigas, que ajudavam já as mães a lavar a roupa das senhoras, para assim ajudar ao orçamento familiar, está também um menino, decerto filho e irmão de uma das lavadeiras.

Algumas famílias residiam mesmo na Praia Grande. As suas casas quase não se vêem nos postais. Datam do século XIX as primeiras menções a habitações precárias na Praia Grande. Em 1863 a Junta da Paróquia autorizou a construção de barracas⁵, mas possivelmente a construção iniciou-se mais cedo. Nesse período Frank Pidwell instalou na Praia Grande a sua fábrica de conservas, cuja chaminé a

fumegar se observa em postais da época. O complexo incluía, além da fábrica, um barracão e um poço⁶. Em 1914 também a Sociedade La Bretagne obteve licença para aí instalar uma fábrica de peixe . Entretanto, também Domingos Pablo dispunha aí de casas que doou à Câmara em 1941 .

Nesse ano, aquando da tempestade que ficou conhecida pelo ciclone de 1941, várias habitações e outras edificações, entre as quais os Banhos Quentes, foram destruídas. No entanto, apenas em 1961 os herdeiros de Frank Pidwell quiseram demolir a antiga fábrica de conservas na Praia Grande, assim como as pequenas casas de habitação adjacentes . O objectivo era alargar a esplanada da praia. Os seus habitantes, marítimos e mulheres sós, passaram a residir no Bairro Marítimo. O lazer ganhou por fim ao ócio na Praia Grande.

⁵ AMSNS. Junta de Freguesia de Sines. Actas, livro 1, fls. 188v-189, 20 de Maio de 1863.

⁶ AMSNS. CMSNS. Actas, livro 16, fl. 6v-8, 13 de Agosto de 1914.

⁷ AMSNS. CMSNS. Actas, livro 16, fl. 21-24v, 16 de Novembro de 1914.

⁸ AMSNS. CMSNS. Correspondência Recebida do Interior em 1941, maço 198, documento 1278.

⁹ AMSNS. CMSNS. Licenciamento de obras particulares, construções precárias no Bairro Marítimo, 1961.

A VILA MODERNA E CONFORTÁVEL

Na primeira metade do século XX a vila de Sines debatia-se com duas tendências: entre a indústria corticeira e de transformação de peixe, que empregava uma grande massa de operários de ambos os sexos, que participavam em acções para melhorar as suas precárias condições de vida; as delícias das paisagens naturais, dos estabelecimentos hoteleiros para os turistas vindos do Alentejo e de outros pontos do país e que aborreciam a sujidade do trabalho e a instabilidade social constante.

Em 1914 o concelho, extinto em 1855, foi restaurado, e de pronto a Câmara adquiriu um edifício pertencente a industriais de cortiça para aí instalar os serviços públicos e as escolas. Escolas, porque os sexos estavam divididos: alunas e professora numa sala; alunos e professor noutra. Esse edifício, em São Sebastião, foi adquirido logo em 1914¹⁰ à Herold e Companhia. Este postal deve datar dos anos vinte do século XX.



IMAGEM N.º4. Sines: Câmara Municipal [1920]. Arquivo Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Fotografias Empréstadas por Múncipes, CF0049.

Os Paços do Concelho albergavam, no rés-do-chão, a Câmara Municipal, a Junta de Freguesia e a Administração do Concelho. No andar de cima funcionavam a escola do sexo feminino e a escola do sexo masculino. Por vezes adultos e crianças chocavam, obrigados a conviver no mesmo edifício. Apesar de as proximidades do edifício ainda recordarem a sua localização periférica, pretendia-se que este fosse um espaço digno. Esta fora uma das habitações da família de Cláudia de Campos.

¹⁰ AMSNS. CMSNS. Actas da Câmara Municipal de Sines, livro 16, fl. 39v-40v, 8 de Março de 1915.

No portão, que na altura estava ao nível do solo (de notar que o edifício quase foi arrasado pelo sismo de 1969 e reconstruído pelo Gabinete da Área de Sines), encontram-se vários munícipes. Uma mulher, de lenço claro na cabeça e vestes escuras e compridas, dirige-se ao portão, prepara-se para entrar.

Muitas mulheres, quer solteiras, quer casadas quer viúvas, pediam apoio às autoridades para sobreviver¹¹: licença para construir uma barraca no Bairro das Índias; subsídio de aleitamento para os filhos; pedidos de isenção de serviço militar para os filhos que podiam trabalhar e ajudar a sustentar a casa; pedidos de apoio para internamento no hospital¹². Entrar nos Paços do Concelho era um passaporte para uma vida um pouco menos dura. Os requerimentos, esses, eram muitas vezes escritos e assinados a pedido por quem sabia escrever. Estas mulheres pouco conheciam as letras.

Muitas destas mulheres viviam no Bairro Marítimo, segundo um inquérito dos anos 40 do século XX. Nessa época as mulheres chefes de família eram apenas 18%, sendo salgadeiras de peixe, vendedoras de fruta, lavadeiras e domésticas. Entre os dez indigentes registados, seis eram mulheres. A pobreza era agravada pela solidão e pela impossibilidade de partilha de receitas e despesas. Apenas uma destas mulheres vivia acompanhada (Patrício e Pereira, 2017: 245).

A imagem seguinte, publicada no Almanach Bertrand de 1900, recorda uma outra vida daquele edifício. A publicação publicou um extenso artigo sobre a escritora e a sua obra, transcrevendo as opiniões de outros escritores da época. Publica também várias fotografias de Sines, incluindo esta, legendada como «Sines- Casa de D. Cláudia de Campos».

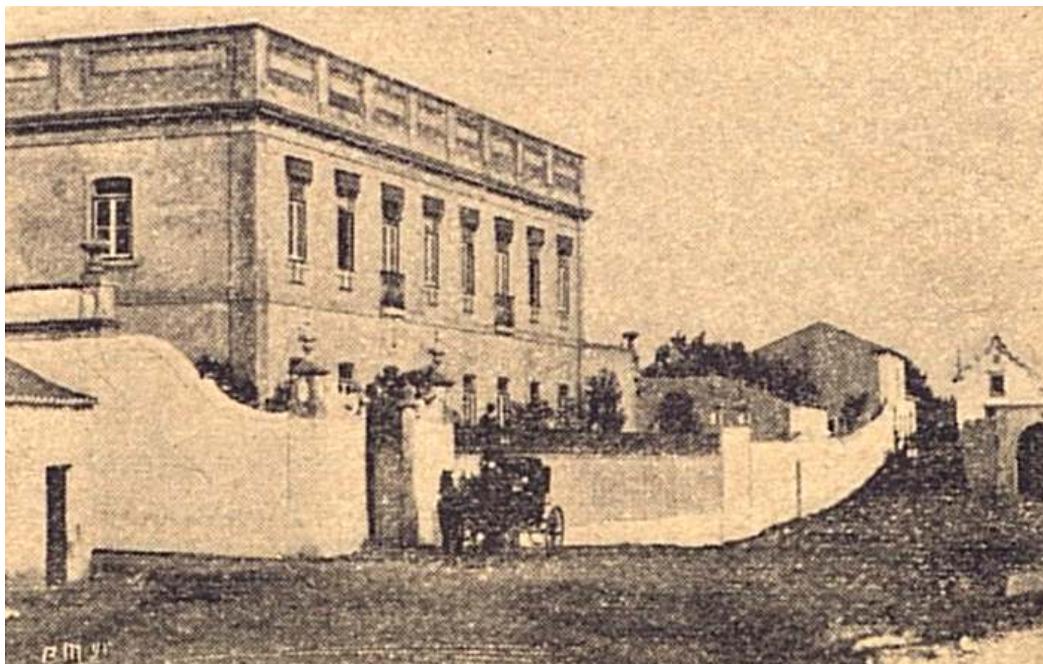


IMAGEM N.º5. «Sines- Casa de D. Cláudia de Campos»
Fotografia publicada em 1900 pelo Almanaque Bertrand.
Arquivo Municipal de Sines. Coleção Mosaico das Memórias, oferta de António José Alves Leite, MMS.054.0001.

¹¹ Por exemplo, AMSNS. CMSNS. Requerimentos, maço 1, 1914-1931.

¹² Por exemplo, AMSNS. CMSNS. Requerimentos para a obtenção de guias de internamento, maço 2, 1925.

Além do edifício, vemos uma nesga do jardim na frente, embora ele se prolongasse nas traseiras do edifício. Vemos uma carroça estacionada ao portão e a ermida de São Sebastião ao fundo. Podemos sempre imaginar Cláudia de Campos no seu jardim, quando estava em Sines, como se lembrava dele o poeta Tomás Ribeiro quando visitou a vila: «Visitámos em Sines o seu palacete, e ousámos tomar flôres do seu jardim. A dona daquelle paraizo estava ausente d'alli; mas não se carece da presença para se conhecer quem escreve¹³».

O mundo de Cláudia de Campos inclui encontros literários e bailes galantes. Mas a maioria das mulheres conhecia uma vida bem diferente. Um postal possivelmente datado também da década de 20 do século XX, intitulado «Edição do Comércio de Sines de Higinio Guizado, Sines», mostra uma multidão junto da loja de Higinio Guizado Espada.

Esta loja situa-se no actual Largo do Castelo, conhecido hoje como Largo dos Galegos. A vocação comercial manteve-se, aí se situava a Havaneza Sineense, que vendia livros, material escolar e artigos de mercearia. No primeiro andar, numa varanda, espreita uma mulher. Na parede está um anúncio. No rés-do-chão vemos a porta aberta da Havaneza Sineense e alguns artigos em exposição, assim como publicidade a uma máquina de costura. Mas o que salta aos nossos olhos são as pessoas: meninas com vestidos brancos e laçarotes na cabeça, rapazes de boina, homens com fatos e mulheres embiocadas com lenços claros. Todos com lenços e chapéus, sem nunca deixar a cabeça desprotegida. De que estariam à espera?



IMAGEM N.º6. Sines: Câmara Municipal [1920]. Arquivo Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, Fotografias Empréstadas por Múncipales, CF0049.

¹³ Tomás Ribeiro (1831-1901), Almanach Bertrand, 1900, p.231.

CONCLUSÕES

As fotografias e postais são documentos iconográficos cheios de significados. Foram produzidos numa determinada data e num determinado local, e, nos inícios da fotografia, não eram fáceis de produzir, exigiam conhecimentos específicos e eram dispendiosos. Aqueles que sobreviveram perderam os seus contextos de produção (quem capturou as imagens, quando, com que intenções?), são apenas peças de colecção que vários munícipes foram guardando por lhes serem queridas.

No entanto, ao cruzarmos estas imagens com a documentação do Arquivo Municipal, produzida pela Câmara Municipal de Sines, percebemos melhor os seus significados. As mulheres são nelas representadas veladas e em pouco número. As senhoras estão ausentes, ou atrás dos toldos ou dos muros dos jardins, enquanto as mulheres do povo estão na rua, nos seus afazeres.

REFERÊNCIAS

Almanach Bertrand, 1900/edição de José Bastos. Lisboa: Casa Bertrand. Um volume encadernado com 19,5x13,5cm, ilustrado. Arquivo Municipal de Sines, Colecção Mosaico das Memórias, MMS.054.0001.

CAMPOS, Cláudia de – *Ele*. Apresentação de Isabel Lousada e Sandra Patrício. Transcrição e actualização da grafia de Luísa Bruno. 3ª edição. Sines: Câmara Municipal de Sines, 2016. ISBN . - ISBN 978-972-8261-15-3.

LOPES, Francisco Luís (2016). *Breve Notícia de Sines, Pátria de Vasco da Gama*. Com estudo introdutório de João Madeira. Sines: Câmara Municipal de Sines, 2016. ISBN 978-972-8261-16-0.

PATRÍCIO, Sandra; PEREIRA, Paula. *Sines, a Terra e o Mar*. Sines: Câmara Municipal de Sines, 2017. ISBN 978-972-8261-18-4.

SILVA, António de Macedo e – *Annaes do Município de Sant'Iago de Cacem*. 2ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional, 1869.

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO

Arquivo Municipal de Sines, Sandra Patrício

DESENHO GRÁFICO

Serviço de Comunicação e Imagem

CAPA

Rio da Moura, cliché de Hidalgo Vilhena, [1910], Arquivo Municipal de Sines.
Colecção Mosaico das Memórias, Colecção Tenente Seixas, MMS/G/000019.
Empréstimo de Eliseu Seixas Aguiar.

DIGITALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO

Gonçalo Chinita e António Campos

ISBN 978-972-8261-27-6

Sines, Câmara Municipal de Sines, 2021

A presente edição não segue as normas do Acordo Ortográfico de 1990.

